

Ecce Femina¹ pela cosmopolítica das linhas: tecendo bordados com mulheres e bruxas e grãos e animais nas redes educativas

Ecce Femina through the cosmopolitics of lines:

weaving embroidery with women, witches, grains and animals in educational networks

Ecce Femina por la cosmopolítica de las líneas:

tejiendo bordados con mujeres y brujas y granos y animales en redes educativas

 **NOALE TOJA***

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

 **CLAUDIA REGINA PINHEIRO RIBEIRO CHAGAS****

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ, Brasil.

 **LEONARDO RANGEL*****

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, Salvador – BA, Brasil.

RESUMO: Mobilizamo-nos em um mundo que se encontra sempre em devir. Levar isso a sério é acolher a proposição de que vivemos no constante movimento das linhas e pontilhados, que formam – e também movem, agitam e alvoroçam – pistas e superfícies. O objetivo do presente texto, um ensaio a três mãos, é compreender como podemos

* Doutora em Educação. Professora na Faculdade de Formação de Professores na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons. Bolsa Pós-doutorado FAPERJ Nota 10. Coordenação de projetos compostos por artes e tecnologias. *E-mail:* <noaletoja22@gmail.com>.

** Doutora em Educação. Professora da Universidade Estácio de Sá. Coordenadora de monografia, na Educação a Distância, do consórcio CECIERJ/Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons. *E-mail:* <chagasprof@gmail.com>.

*** Doutor em Educação. Professor de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica e do Mestrado Profissional em Educação, Currículo, Linguagens e Inovações Pedagógicas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Integrante do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons. *E-mail:* <leonardorangelrreis@gmail.com>.

conceber a educação por meio da cosmopolítica das linhas. Escolhemos o exemplo de alguns agregados criados pelos movimentos de mulheres, bruxas, animais e grãos, enlaçados de diversos modos nas redes educativas. A metodologia utilizada se inscreve na educação da atenção (INGOLD, 2020; MASSCHELEIN, 2008), que se relaciona com as pesquisas dos cotidianos (ALVES, ANDRADE & CALDAS, 2019), porque nos coloca diante de outros modos de acessar e experimentar os *espaçotempos* das pesquisas. Assim, seguir as linhas facilita compreender e experimentar as potências dos variados encontros nas intensidades das diversas linhas emaranhadas que nos ‘formam’ e que ajudamos a transformar.

Palavras-chave: Mulheres. Cosmopolítica das linhas. Redes educativas. Bordados.

ABSTRACT: We are mobilized in a world that is always in the process of becoming. Taking this seriously is accepting the proposition that we live in the constant movement of lines and dots which form – and also move, agitate and stir – tracks and surfaces. The objective of this text, a three-hand essay, is to understand how we can conceive education through the cosmopolitics of lines. We chose the example of some groups created by the women, witches, animals and grain movements, entangled in different ways in educational networks. The methodology used is part of attention education (INGOLD, 2020; MASSCHELEIN, 2008), which is related to everyday research (ALVES, ANDRADE & CALDAS, 2019) because it puts us in front of other ways of accessing and experiencing space-time of research. Therefore, following the lines makes it easier to understand and experience the power of varied encounters in the intensities of the various tangled lines that ‘form’ us and that we help to transform.

Keywords: Women. Cosmopolitics of lines. Educational networks. Embroidery.

RESUMEN: Nos movilizamos en un mundo que siempre está en proceso de devenir. Tomar esto en serio es aceptar la proposición de que vivimos en el constante movimiento de líneas y puntos, que forman –y también mueven, agitan, y revuelven– huellas y superficies. El objetivo de este texto –un ensayo escrito a tres manos– es comprender cómo podemos concebir la educación a través de la cosmopolítica

de las líneas. Nosotros elegimos el ejemplo de algunos agregados creados por los movimientos de mujeres, brujas, animales y granos, vinculados de diferentes maneras en redes educativas. La metodología utilizada se enmarca en la educación de la atención (INGOLD, 2020; MASSCHELEIN, 2008), la cual se relaciona con la investigación cotidiana (ALVES, ANDRADE & CALDAS, 2019), porque nos pone frente a otras formas de acceder y experimentar los *espaciotiempos* de las investigaciones. Por lo tanto, seguir las líneas hace que sea más fácil comprender y experimentar los poderes de encuentros variados en las intensidades de las diversas líneas enredadas que nos “forman” y que ayudamos a transformar.

Palabras clave: Mujeres. Cosmopolítica de las líneas. Redes educativas. Bordados.

Introdução

Assim, neste momento, enceto duas lutas: com as linhas e com as palavras, mas tenho certeza de que, desta vez, estou querendo chegar a um resultado semelhante a descobrir ao fim do bordado e ao fim deste texto, algo delicado, recôndito e imperceptível sobre o meu próprio destino e sobre o destino dos seres que me rodeiam
(Rachel Jardim – O penhoar chinês, 2005).

Assim como Elisa, personagem de *O penhoar chinês*, livro de Rachel Jardim (2005), vamos tentar criar a partir das linhas e das palavras que ziguezagueiam nas complexas e dinâmicas tessituras dos cotidianos. Um dos modos de compreendermos os movimentos e as linhas das/nas redes educativas e afirmando as potências dos movimentos que se dão por meio dos encontros (KRENAK, 2019), nas caminhadas, no contar histórias (sempre no plural) de modo compartilhado (ADICHIE, 2019; KRENAK, 2019).

Mobilizamo-nos em um mundo que se encontra sempre em devir; são linhas, traços, fios que geram superfícies quando tramados em movimentos. São redes de complexidades, tecidas coletivamente por movimentos sociais, educacionais, políticos, culturais e artísticos que vão nos ajudar a tecer nossos processos de singularização e, assim, tecer os currículos escolares nos/dos/com os cotidianos. Acolher a proposição de Tim Ingold (2007) e viver o constante movimento das linhas que formam – e também movem, agitam e alvoroçam – pistas e superfícies, significa compreender a educação como possibilidade de se criar encontros, nas redes que formamos e nas quais somos formados/as (ALVES & OLIVEIRA, 2010; ALVES, ANDRADE & CALDAS, 2019). Já os currículos podem ser

concebidos como *espaçotempos*², acontecimentos que advêm desses encontros, tramas e tessituras que fazem as linhas transformarem-se em superfícies móveis, flexíveis, que ora são firmes como teias de aranhas e ora se esgarçam como um tecido gasto, mofado de tanto ser usado (CERTEAU, 2014).

Assim, os currículos pressupõem itinerários, movimentos, linhas e redes que se desdobram em questões existenciais e voltam a se transformar em questões epistemológicas. Sabemos que não colocaremos um ponto final nem terminaremos o bordado, mas tentaremos seguir alguns fluxos nos/dos caminhos trançados através dos envolvimento nas/das redes educativas entre mulheres, grãos e animais...

Na feitura dessas linhas que comporão o presente texto, optamos pelos fios das pesquisas com os cotidianos, porque elas nos colocam diante de outros modos de acessar os *espaçotempos* dos currículos e da educação; e ao fazê-lo, podem nos abrir a outras sensibilidades, em que os regimes de signos a-significantes nos ligam a outros domínios de coisas e signos (DELEUZE & GUATTARI, 2014). De tal modo, podemos sair dos impasses de uma análise puramente racional e de um mundo comandado pelos imperativos do cognitivismo e nos permitirmos ao devir sensível das aranhas, das bruxas, dos grãos, dos bordados das mulheres. E falando em devir podemos intuir que a utilização da linguagem em outros registros passa, necessariamente, pela coragem de transformar a nossa própria linguagem em uma espécie de literatura menor (DELEUZE & GUATTARI, 2014), que escapa ou coabita o mundo letrado da ciência moderna, rabiscando outros modos de *literaturizar* a ciência (ALVES, ANDRADE & CALDAS, 2019) para a contemporaneidade.

Trata-se de um *sentirfazersaber* que se expõe e faz circular, criando movimentos dinâmicos e danças nas/das linhas da vida. Ao longo dos traçados, vamos apontar como o controle dos grãos relaciona-se aos controles das mulheres e como ambos os controles estão relacionados aos procedimentos de constituição da autoridade e do mando em relação aos processos vitais. Desse modo, podemos insinuar que o envolvimento com a vitalidade sempre foi visto como grande perigo pelo que se convencionou chamar Ocidente.

Seguindo essas pistas, Ingold (2007) sugeriu que o Ocidente é obcecado pela produção de um tipo específico de linha: o pontilhado. O foco na criação de pontos pode ser considerado como desejo de criação de linhas condensadas, que acontece por meio das insistentes tentativas de controlar os movimentos. Em seu caso extremo, o foco insistente no ponto lembra as nefastas experiências dos campos de concentração, realizadas pelo nazismo e pelo stalinismo. A caça às bruxas também consistiu num momento crucial de controle sobre os movimentos dos corpos das mulheres. Todas as três histórias relatadas aconteceram na história recente do desenvolvimento do capitalismo.

Compondo com linhas, traços e rabiscos

O capitalismo se forja de acordo com o sequestro dos movimentos e da sua insistente condensação em pontos. Por isso, para Ingold (2007), ir direto ao ponto não é algo que fazemos na vida cotidiana ou no discurso comum, pois vagamos com as linhas e quando sentimos alcançar algum ponto, ele imediatamente parece desaparecer, “como uma colina que subimos e que não mais parece uma colina quando chegamos ao topo” (INGOLD, 2007, p. 4). A partir dessa intuição corriqueira, o autor se pergunta: afinal, por que a linha é assumida como reta? A resposta que ele sugere, importante ao argumento do nosso ensaio, é que “nas sociedades modernas, ao que parece, a retidão veio resumir não apenas o pensamento racional e a disputa, mas também os valores de civilidade e retidão moral” (INGOLD, 2007, p. 4). Ou seja, na história das linhas no/do Ocidente, a razão se impôs com o fito de conduzir e controlar os movimentos e valores dos diversos modos de *sentirfazerpensar*.

Porém, o que Ingold (2007) não menciona é que esse movimento se impôs com muito mais força e violência sobre os corpos das mulheres, porque nos esquemas de poder e violência rabiscados e efetivados, a razão foi associada aos homens, em oposição às sensibilidades, ditadas quase como uma imposição, restrita às mulheres. Retidão da razão contra os buracos vazados nos/pelos corpos sentidos. Se por um lado a retidão da razão percebeu a potência feminina, por sua sensibilidade, como uma ameaça às redes de *saberespoderes*, por outro lado, impôs àqueles do gênero masculino abdicar das suas relações de afetos com seu próprio sensível, criador de outras potências.

De fato, a linha reta emergiu como um ícone virtual da Modernidade, um sinal da projeção racional e proposital sobre as vicissitudes do mundo natural. A dialética do pensamento moderno, que incessantemente cria dicotomias, associou, num momento ou outro, retidão com a mente contra a matéria, com pensamento racional contra a percepção sensorial, com intelecto contra a intuição, com ciência contra o conhecimento tradicional, com macho contra a fêmea, com civilização contra o que é primitivo, e, num nível mais geral, com a cultura contra a natureza. Não é difícil encontrar exemplos de cada uma dessas associações (INGOLD, 2022, p. 279-280).

Vale ressaltar que na contemporaneidade, com o pensamento de Humberto Maturana (2002), a ideia de razão e emoção – ou a atenção a essa sensibilidade – está distante de uma disputa ou de imposições dogmáticas e estigmatizadas que dicotomizam as percepções humanas entre razão e emoção. Para o autor, independentemente de homens e mulheres, ao estarmos despertos/as para um acontecimento, já acessamos nossas emoções. Porém, a retidão da modernidade, conduzida pela racionalidade científica e moral, cria armadilhas para a sensibilidade humana, e aqueles/as que tentam escapar são tidos/as como desviantes, sobretudo as mulheres.

Sob essas condições, a retidão passa a ser um sinal não ambíguo de masculinidade, assim como curvatura classifica a feminilidade. A postura de “ficar em pé ereto”, comumente expectada de homens, mas não de mulheres (que deveriam, em vez disso, dobrar os seus corpos em linhas simbólicas de deferência), carrega fortes conotações de retidão moral e dignidade social. Essas conotações se estendem para julgamento de estatura relativa não somente de homens e mulheres, mas também de povos “civilizados” e “primitivos”, e até de seres humanos e os seus antecedentes evolutivos (INGOLD, 2022, p. 281).

Compreender e considerar que criamos currículos nos/dos/com cotidianos nessa trama de linhas, traços e pontilhados é não deixar que seus diversos movimentos sejam regidos por códigos ou receitas hegemônicas de política e economia do pensamento moderno, que entalham sulcos em nossos corpos, marcas profundas que levam ao apagamento de outras linhas que compõem movimentos ancestrais – nos quais o matriarcado e os *saberespoderes* femininos circundam as trilhas da terra, com os movimentos circulares e não lineares da produção agrícola e da observação dos *espaçosempos* de uma natureza *desobediente* (INGOLD, 2022). É nesse sentido que os currículos oficiais na modernidade passam a ter a obsessão por obedecer a agregados de pontilhados e linhas retas, num domínio crescente de uma agricultura linear, comportada em cercas e limites:

Nos campos da agricultura e do paisagismo, os modernizadores buscam cercar a terra dentro de limites retilíneos e lançar parques com avenidas, cercas e paredes de jardim perfeitamente retas e com árvores alinhadas. E isso, por sua vez, desencadeou uma contrarreação na forma de um anseio pelo emaranhamento sinuoso da natureza com paredes arruinadas e incrustadas com hera, cercas rústicas, caminhos de jardim que se cruzam e mato que irrompe subitamente (INGOLD, 2022, p. 284).

O próprio Ingold sinaliza acerca da contrarreação às linhas retas nos currículos cotidianos, nas paredes, chãos, tetos arruinados por essa retidão, nos quais vão se criando emaranhamentos sinuosos, como as questões que emergem dos *fazeressaberes* dos diferentes *dentrosforas nas/das* escolas. São experiências como um modo de contar histórias, fazer *podcasts*, filmes, teatros, danças e – por que não? – bordados. Assim são criadas outras camadas de superfícies que coabitam os *espaçostempos* escolares, sendo tramadas com a retidão do currículo, herança do pensamento moderno.

Por mais que se tente apagar gestos, sensações e sentidos de *conhecimentossignificações* ancestrais, nossos corpos também estão marcados por esses sulcos, linhas entalhadas com/pelas nossas memórias. E a capacidade de nos posicionarmos em *sentimentospensamentos* não lineares evidencia os currículos praticados por meio desses fios. São traços, composições que se bordam em linhas coloridas, em *tracejados* de correntes, *tracejados* de cruz, *tracejados* abelha, *tracejados* livres – *tracejados* ou pontos, como chamam as bordadeiras, mas que formam curvas em superfícies, traços forjados em instantes pelos/as *praticantespensantes na/da* educação.

Marcas das mulheres e dos animais nos *sentiresfazeressaberes* cotidianos, nas trilhas dos bordados

É histórica a dificuldade das mulheres no acesso à educação que acontece intramuros nas instituições de ensino. Sua ausência na escola foi imposta e preconceituosa, e as vidas cotidianas femininas foram permeadas pela rotina do lavar, passar, cozinhar etc. Entendia-se que não lhes era exigido o envolvimento com conhecimentos tidos como mais racionais³. No entanto, os modos de contar esses cotidianos e as possibilidades criadas e vividas de trocas permanentes permitem mostrar as belezas dos diversos modos de *sentirfazerpensar* que acontecem nos diversos *espaçostempos* cotidianos, nos quais, a cada imposição, subvertem o imposto, criando caminhos e desvios para que as sensibilidades⁴ possam ser ressoadas, valorizadas, respeitadas e para que a troca respeitosa seja uma prática cotidiana. Na materialidade e nas práticas dos cotidianos, as/os praticantes vão desdobrando, reinventando e ressignificando *sentiresfazeressaberes* e, mesmo diante de obstáculos, conseguem *bricolar*, transgredir, suplantar, afinal, “o usuário⁵ sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele soube, por si mesmo, impor ao espaço urbano” (CERTEAU, GIARD & MAYOL, 1996, p. 42).

Nessa mesma direção, este trabalho aponta o modo como as mulheres deixam suas marcas nos trabalhos artesanais, mais especificamente no bordado, que durante algum tempo fazia parte da formação da ‘boa mulher’. A esse respeito, Guacira Louro (1997) explica que “as escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens “prendadas”, capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura” (LOURO, 1997, p. 62; grifo no original).

Foi a necessidade de mão de obra barata que fez com que, gradativamente, a mulher fosse inserida no mercado de trabalho, apesar de não exercer cargos de chefia, prerrogativa masculina. Sobre isso, Heleieth Saffioti explica: “Com a urbanização e a industrialização, a vida feminina ganha novas dimensões não porque a mulher tivesse passado a desempenhar funções econômicas, mas em virtude de se terem alterado profundamente o seu papel no mundo econômico” (SAFFIOTI, 1976, p. 179).

O desejo de investir em instrução e educação nas instituições de ensino era um dos principais anseios femininos, para conquistar o direito de ampliar suas linhas de superfície e seu poder de circulação, em cosmopolíticas inscritas nas possibilidades de afetar e serem afetadas de modos diversos, como gesto de alteração do destino subordinado à moralidade da época. Em outros movimentos, as mulheres vão renunciando à ‘sagrada’ missão de cuidar do ‘lar’, em nome do envolvimento com diversos modos de vida – é importante atentar como o ‘cuidado’, ligado ao enlaçamento mais sensível, foi

endereçado às mulheres. É necessário mostrar a potência dessas mulheres, que percebem, sabem problematizar e varrer muitos princípios e códigos de condutas que se constituíam como obstáculos ou empecilhos em seus caminhos. Aliás, o verbo *varrer* nos remete a um objeto bastante comum associado às mulheres. Tal encontro pode ser compreendido como profanador, pois ajudou, em um só golpe, a deslocar os lugares conferidos às mulheres e os usos reservados às vassouras. Se estas últimas eram apenas ‘coisas’⁶ de limpeza, e se as mulheres eram vistas como seres responsáveis pelos ‘cuidados do lar’, o encontro em questão criou o diabólico agenciamento-bruxa, capaz de profanar muitas sacralizações postas pelo ideário moderno cristão. A imagem abaixo apresenta essa multiplicidade indomável, que não se deixa enquadrar nos dualismos tão característicos dos sistemas explicativos modernos.

Imagem 1: Bruxa em voo profano



Fonte: LE FRANC, Martin. *Le champion de dames*, 1440, p. 140v. Miniatura. Biblioteca Nacional da França. Disponível em <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b525033083/f216.item>>. Acesso em 11 nov. 2023.

De onde elas são? Da cidade? Não, pois sua filiação demoníaca e sua perigosa aproximação com os emaranhados da natureza não permitem fazer essa acomodação. Do campo? Também não, pois nelas habitam modos de efetuar muito próximos dos modos encontrados nas cidades. Desse modo, as bruxas rompem o ainda tão imperioso princípio dicotômico natureza-cultura e, a reboque, ajudam a romper a famosa cisão cidade-campo. Portanto, mulheres-vassouras-vento, devir-bruxa pode ser compreendido

como emaranhado profanador capaz de limpar os usos comuns que tendem a paralisar os emaranhados e deixá-los dóceis aos jogos do poder, remexendo seus usos e abrindo-os a outros encontros possíveis. Em que consistem esses emaranhados profanadores? Qual sua importância existencial? Pode-se dizer, com Félix Guattari (1990), que o devir-bruxa se forjou consoante a criação de *ritornelos*, ou seja, multiplicidade de modos de marcar o tempo que se atrelam à polifonia dos modos de subjetivação, constituindo “outros ritmos [que] são assim conduzidos para cristalizar o que chamaremos enunciados existenciais [...] Um ritornelo complexo – aquém do poeta, da música – marca o cruzamento de modos heterogêneos de subjetivação” (GUATTARI, 1990, p. 13). A vassoura retirada do seu costumeiro tempo cotidiano, suspensa nos ares, compõe com as mulheres outros ritornelos. Quem diria que o encontro com as vassouras seria tão potente? Ainda em relação às bruxas, caem como luvas as impressões de Sandra Corazza, quando diz:

É associada ao jumento, cavalo, cervo, javali, pomba, leão, coruja. Soberana como eles, reina em dois mundos: no uraniano, luminoso, solar, celeste, faz nascer e renascer; no ctônico, subterrâneo, lunar, profundo, dispensador e condutor da morte. Situada para além de todas as dicotomias, a mulher engloba-as e dispersa-as (CORAZZA, 2002, p. 80).

Em *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*, Silvia Federici (2017) argumenta que a perseguição às bruxas dos séculos XVI e XVII foi tão importante para a acumulação primitiva e o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras. Dialogando com Karl Marx, discorda dele em uma questão decisiva: apesar de acreditar que o capitalismo se inscrevia através de violência e exploração, Marx pressupunha que, ao acabar com a propriedade em pequena escala, o capitalismo incrementava a capacidade produtiva do trabalho, criando condições materiais para a liberação da humanidade de sua condição de escassez. Federici rebate o argumento, afirmando:

Devo acrescentar que Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto de vista das mulheres. Essa história ensina que, mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão (FEDERICI, 2017, p. 27).

Tentando compreender essas formas similares à escravização, a autora desdobra histórias de exploração e resistência, se perguntando: como compreender a execução de centenas de milhares de ‘bruxas’ no começo da Era Moderna? Por que o surgimento do capitalismo coincide com essa guerra contra as mulheres? As respostas são muito importantes para dar continuidade aos fluxos de argumentos que serão expostos neste texto. Federici (2017) afirma que a caça às bruxas buscou destruir o controle que as mulheres exerciam sobre sua função reprodutiva. Desse modo, o capitalismo se desenvolve por

meio do controle de corpos, especialmente dos corpos das mulheres, pois necessita controlar e direcionar a vitalidade para continuar se reproduzindo. Por isso,

partindo de uma análise da ‘política do corpo’, as feministas não somente revolucionaram o discurso filosófico e político, mas também passaram a revalorizar o corpo. Esse foi um passo necessário tanto para confrontar a negatividade que acarreta a identificação de feminilidade com corporalidade, como para criar uma visão mais holística do que significa ser um ser humano⁷. Essa valorização ganhou várias formas, desde a busca de saberes não dualistas até a tentativa (com feministas que veem a ‘diferença’ sexual como um valor positivo) de desenvolver um novo tipo de linguagem e de repensar as raízes corporais da inteligência humana. Tal como destacou Rosi Braidotti, o corpo retomado não há de entender-se nunca como algo biologicamente dado (FEDERICI, 2017, p. 33).

Trazendo agora outra vestimenta às bruxas, vamos falar das professoras... A ida para o magistério foi uma das primeiras tentativas sistemáticas de emprego das mulheres e apresentou-se como o ponto de partida naquele momento histórico (início do século XX). A maioria procurava a profissão como alternativa ao casamento ou outra ocupação considerada de menor prestígio à época, como costureira, parteira e qualquer outra profissão dita ‘feminina’. A tática usada pelas mulheres permitiu que passassem a sair sozinhas, possibilitando a aquisição de novos horizontes e caminhos pelos cotidianos e a abertura para sua inserção no espaço público, restrito até então aos homens. Problematização e desarticulação das fronteiras do dicotômico território público e privado. Serão bruxas as professoras? Com que ritornelos elas se envolvem, criando linhas capazes de abalar os horizontes até então estáveis, que asseguravam a separação público-privado? Será que as imagens das professoras remetem ao pacto diabólico que as aproxima das bruxas? “Mensageira do outro Mundo. Prediz o futuro e faz com que os acontecimentos se produzam. Detentora do bem e do mal, é mais bela do que as mais belas mulheres e, quando quer, torna-se repugnante e espalha o medo” (CORAZZA, 2002, p. 88). As mulheres que já se emaranham com as linhas sinuosas da sala de aula sabem bem o que Corazza quer dizer.

O privilégio de se envolver com conhecimentos tidos como mais especializados e racionais era restrito às mulheres das classes privilegiadas. À classe das mulheres do povo tal direito era negado, pois a elas cabia trabalhar pela sobrevivência e cuidar da casa. Mas deixavam suas marcas nos seus cotidianos. Caladas durante muito tempo, as mulheres começaram a descobrir que seu passado era histórico e que tinham muito a dizer. Desse passado afloraram caixas de recordações com cartas de namorados/as, imagens, documentos de nascimentos e mortes, diários, cadernos de receitas, cardápios e murmúrios sobre os usos dos trabalhos manuais... Essas sucatas foram se acumulando e se transformando nas astúcias de quem não tinha voz, nas quais os ritornelos eram marcados com os materiais heteróclitos, pontos, desenhos etc., tudo sob o signo e a rubrica do miúdo. Enfim, todo um passado aprisionado que as queria manter no domínio privado esboroou. Portanto, quais imagens as professoras instauram ao ousarem profanar a esfera tida como

profana, secular?! Porque, suspeitamos novamente com Corazza (2002), que o devir complexo delas nos força a compreender através de outros modos de *sentirfazerpensar*, afinal,

existe uma ambivalência fundamental diante daquela que dá vida e anuncia a morte: admiração e inveja, respeito e temor, fascínio e medo, amor e ódio. Há uma ambiguidade feminina, que não é aceita na contemporaneidade de seus polos opostos. Um clamor pela unidade daquela que, desde o princípio dos tempos, foi múltipla (CORAZZA, 2002, p. 85).

Falar acerca das tentativas de imposição de um modo único de pensar é falar sobre a importância da constituição do modelo de universalidade legado pela racionalidade científica, pois a mulher é responsável por criar todo um repertório linguístico próprio, com metáforas e códigos característicos do ‘universo dos machos’. Sobre isso, poderíamos citar vários exemplos. Um caso interessante foi relatado pela antropóloga Vinciane Despret (2016). Ela narra uma controvérsia que agitou o mundo dos primatologistas e que diz respeito “tanto aos macacos quanto às formas de produção do conhecimento na ciência, porque as teorias não deixam de ser história e de ajudar a fabricá-las” (DESPRET, 2016). O relato sobre os macacos, paradoxalmente, não diz tanto a respeito deles, mas diz muito sobre os possíveis laços que os cientistas estabelecem ou podem estabelecer sobre eles.

Especialistas perceberam que, na Índia, macacos langur adotam a prática do infanticídio. Para entender o fenômeno, os primatologistas aproximaram suas lentes dos símios e observaram suas práticas mais detalhadamente. Já se sabia que os langur se distribuíam em comunidades formadas por várias fêmeas e um macho. O pesquisador japonês Yakimaru Sugiyama chamou esse arranjo de “poligínico”. Para ele, a causa do infanticídio deve-se ao ciúme e domínio dos machos em disputa pelo ‘harém’ do outro. Caso o macho dominante perdesse a disputa, o ‘harém’ passaria a ter ‘novo dono’, que praticaria o infanticídio para demarcar o território e legar seus genes às novas gerações. Essa explicação ainda é bastante corrente, e não precisamos de muito esforço para encontrá-la nos discursos que emulam a linguagem científica. Em um site de notícias do mundo animal, por exemplo, encontramos a seguinte informação sobre os langur:

Os grupos são formados por cerca de vinte fêmeas e um macho adulto forte, que é o dono do harém e cruza com todas as fêmeas. Mas ele tem que defender sua posição privilegiada contra ataques de machos alheios ao grupo. Somente um macho em plena forma pode controlar um harém e, depois de alguns anos, ele é derrubado por um mais jovem ((LANGUR..., 2022).

Quando o termo harém é evocado, percebe-se que se trata do domínio do macho sobre as fêmeas, sobretudo porque somente um “macho em plena forma” pode controlá-las. Aqui, mais uma vez, percebemos que a suposta neutralidade não existe. Esse relato sobre os macacos revela a concepção de um macho no comando, que submete outros machos e controla suas fêmeas. A pretensa neutralidade da escrita científica se esconde

por trás do que Despret (2016) chama de “matriz narrativa”, isto é, a armação responsável por gerar histórias. Cada matriz serve para juntar certos fatos e ocultar outros, sendo que “vai afetar não somente aquilo que se conta, mas também aquilo que se observa” (DESPRET, 2016, p. 9). Porém, compomos essas narrativas com os questionamentos de Despret (2016, p. 10) “Quem disse que os machos escolhem as fêmeas? Que eles se apropriam, que tomam posse delas e que eles são seus soberanos ou dominadores?”

Um grupo de pesquisadoras feministas descreveu o tipo de organização dos macacos langur de outra maneira. Elas iniciaram a pesquisa a partir da seguinte questão: “Se um único macho é suficiente para assegurar a reprodução, e os machos, de toda forma, cuidam pouco dos filhotes, por que se preocupar em arranjar mais deles?” (DESPRET, 2016, p. 11). Chegaram à conclusão de que as fêmeas têm uma atitude racional e econômica: elas descartam os filhotes machos porque sabem que somente um consegue manter o equilíbrio e a segurança do bando. A explicação sobre o infanticídio passa a ser outra: não há mais um macho estrategista, obcecado por transmitir seus genes. A prática se “torna uma consequência de distúrbios sociais graves” (DESPRET, 2016, p. 11).

As diferentes explicações devem ser compreendidas a partir da implicação de todo e qualquer relato, que sempre estará entrelaçado em redes educativas específicas e só pode ser compreendido de modo situacional. Como estamos implicados/as nas tessituras dos sentidos, sobretudo pelo fato de percebermos como a ciência tentou elidi-los em seu processo de escritura, reconheceremos que as narrativas mais propícias são aquelas que se abrem para o mundo da vida e para a variedade de movimentos e linhas de força que compõem os cotidianos. Por isso, a noção de redes educativas pode ser de grande valia, principalmente por seus movimentos não se domesticarem, visto que “deslizam, balançam, brincam e pulam como campos de milho a dançar ao vento” (MARZEC, 2016, p. 10). Assim, vamos Tateando por entre os bulbos e significantes desse caule subterrâneo.

Para Inês Oliveira (2010), Nilda Alves, Nívea Andrade e Alessandra Caldas (2019), há modos de *sentirfazerpensar* e criar nos cotidianos. Eles nos levam a outras formas de operar, outros modos de compor emaranhados e assembleias. Como já ressaltado em nota inicial, esses neologismos criados da junção de palavras carregam a importante marca das lógicas dos cotidianos, que operam na pluralidade, na singularidade e na heterogeneidade, consistindo em tática das pesquisadoras como modo de ampliação das práticas de compreensão da complexidade constitutiva dos mundos da vida, no intuito de lançar mão de compreensões não dicotômicas e de separações que mais atrapalham do que auxiliam estudos e pesquisas sobre cotidianos. Para acessar tais redes, Alves e Oliveira dizem ser preciso: “estudar esses modos diferentes e variados de *fazerpensar*”, nos quais se misturam agir, dizer, criar e lembrar, em um movimento que [denomina] *‘prácticateoriaprática’*” (ALVES & OLIVEIRA, 2010, p. 15).

Linhas de bordados como histórias das linhas

A partir da luta pela emancipação das mulheres, os trabalhos artesanais, forte marca da dominação, deixam de existir nas escolas como atividades dicotômicas que nivelam os modos de fazer das mulheres. Hoje em dia, é significativo o retorno ao uso, principalmente do bordado, em diferentes *espaçostempos*, seja na moda, na literatura, no cinema ou na escola.

Em diferentes situações, é possível perceber os encontros entre bordadeiras como compartilhamento de trabalho e inserção de outras mulheres e meninas na prática do bordado, de maneira emancipatória. Também é possível perceber a criação de um ambiente de *linguagear* (MATURANA, 2002) por meio de coordenações consensuais de ações dessas mulheres *praticantespensantes*, que enquanto bordam os tecidos, tecem suas vidas e compartilham suas narrativas de opressão. Nessas fabulações, bordam-se outras redes de *sentirsaberpensar*, outras possibilidades de bem viver e de serem afetadas.

Para um grupo de mulheres que vivem em um assentamento de sem-casa, o conjunto Vila Mariquinhas⁸, essa possibilidade surgiu com a oficina *Memória e Cultura*, idealizada pelo artista plástico Wilson Avellar dentro do projeto *Arte e Criação* da prefeitura de Belo Horizonte, MG. As bordadeiras são conhecidas como *Mariquinhas*. Através de seus bordados, podemos *sentirpensar* que elas vivem em redes educativas permeadas não somente de carências, como apontam muitas narrativas centradas na lógica da exploração capitalista, mas também permeadas de *fazeressaberes* cheios de muita criatividade. Afinal,

a vida nos torna inventivos e, mais particularmente, de uma forma que eu diria privilegiada: ela não para de fabricar *laços* e de nos fazer fabricá-los. A vida, sob todas as suas formas, inclusive a vida em período de morte e de luto, ou, como em nossos dias, em período de graves perigos e de extinções maciças, leva os seres a criarem *laços* (DÉSPRET, 2016, p. 2).

Com seus bordados, as Mariquinhas têm o prazer de *sentirfazersaber* o que vivem e experienciam, mesmo que as lembranças não sejam boas, pois o ato de bordar parece auxiliá-las na atualização de outros modos de efetuação, transformando as memórias e fazendo com que elas se inscrevam como registros da história. Desse modo, linhas de memórias são transmutadas em linhas de história com potente subsídio das agulhas. Agulhas que traçam nos tecidos linhas da vida, compostas por *laços*, memórias e histórias, enfim, diversos modos de *sentirfazersaber*. Aliás, há dificuldade em estudá-las, que se deve à sua inesgotável pluralidade e complexidade; porém, como posturas metodológicas e epistemológicas, podemos encará-las sem incorrer no tão frequente erro de querer simplificá-las – em vez disso, podemos nos movimentar para decifrar o pergaminho, “percebendo as intrincadas redes nas quais são verdadeiramente enredadas” (ALVES & OLIVEIRA, 2010) e tecidas.

Ao longo da história as mulheres foram colocadas à margem, então, elas se tornaram hábeis em criar táticas com as quais puderam perpetuar sua existência. Assim foi/é em seus bordados ou suas receitas. Luce Giard, Michel de Certeau e Pierre Mayol (1996) afirmam que “enquanto uma de nós conservar os saberes nutricionais de vocês, enquanto de mão em mão e de geração em geração se transmitirem as receitas da terna paciência de vocês, subsistirá uma memória fragmentária e obstinada da própria vida de vocês” (GIARD, CERTEAU & MAYOL, 1996, p. 215).

Grande foco de re-existências e das matrizes narrativas, através da oralidade (DESPRET, 2016), perpetuava/perpetua as experiências vividas e criava/cria suas maneiras específicas de *sentirfazersaber* outros emaranhados. “São laços que carregam histórias, no duplo sentido do termo: o de história e o das histórias, que são laços que tecemos entre os acontecimentos que lhes dão um sentido, dentre as quais algumas encantam o mundo” (DESPRET, 2016, p. 3). Certeau também nos fala da arte de conversar:

As retóricas das conversas ordinárias são práticas transformadoras ‘de situações de palavra’, de produções verbais onde o entrelaçamento das posições locutoras instaura um tecido oral sem proprietários individuais, as criações de uma comunicação que não pertence a ninguém (CERTEAU, 2014, p. 50).

Uma das características dos relatos femininos é a lembrança, não apenas de cada uma dessas mulheres, mas uma lembrança envolvendo a família. Nos bordados, a presença de membros de suas famílias é uma constante. Até mesmo o marido bêbado é retratado, de cabeça para baixo, como se estivesse na contramão da vida. Ao tecerem a ‘colcha’ de suas vidas, elas colocam as parcerias conquistadas nessas itinerâncias. Deixá-las ‘falar’ através de seus bordados é ‘escutar’ o que ninguém quer ouvir. Cada bordado narra histórias e nos indica “vozes que revelam sem pretensão, com palavras do cotidiano, práticas comuns. Vozes de mulheres que revelam a vida das pessoas e das coisas. Vozes, simplesmente vozes” (GIARD, CERTEAU & MAYOL, 1996, p. 224). Há mil maneiras, sutilezas e malícias nas lógicas utilizadas pelos/as usuários/as (CERTEAU, 2014).

Desse modo plural e singular, complexo, multidimensional, pode-se admitir que “os cotidianos são ‘*espaçostempos*’ de ‘*sentirfazersaber*’ e criação, permeados de prazeres, inteligências, imaginações, solidariedades, pertencas, comportando grande diversidade e complexidade de modos de sentir, fazer e pensar” (ALVES & OLIVEIRA, 2010, p. 18). Assim, toda rede é formada pela composição de múltiplos e variados *dentroforas*⁹. Os bordados escritos ficam a meio caminho, entre escrita e expressão oral, já que as letras são usadas, expressas e rasuradas em linhas embaralhadas como superfícies... As letras são escritas primeiro e depois escondidas pelas materialidades que sempre as ultrapassam... Os traços, linhas e marcas não respeitam mais a separação entre uma externalidade que se encontra estaticamente fora nem uma interioridade que se apresenta imutável e fechada. São as regras da performance, não as da gramática, que tentam se impor como

língua padrão. Esses emaranhados formam ambientes como composto de fluxos de matéria e energia, que se encontram sempre em devir, em eterno estado de diáspora, pois como bem ressalta Enrique Leff, “o ambiente vai se configurando a partir dessa extra-territorialidade”, e, assim, vai “assumindo seu desterro e seu horizonte” (LEFF, 2016, p. 18). Os movimentos e ritmos da vida dançam em dinamismos que traçam linhas de fuga (DELEUZE & GUATTARI, 2014).

Desse modo, há muito e muito tempo a história do bordado acompanha a história das mulheres, trazendo suas marcas em diferentes *espaçostempos*, ‘alinhavadas’ por um ‘tempo’ feminino, com gestos especiais que desejam realçar o amor, a saudade, a solidão, a necessidade, a possibilidade, mas também a exploração a que são submetidas há séculos. Todas essas sensações e expressões são conduzidas e aprisionadas num bastidor de bordados, que depois de feito, ganha sua liberdade em tecidos soltos ao vento. Com isso, podemos dizer que

sem dúvida, deveríamos considerar pensar os termos de nossa história naqueles de uma ecologia da atenção e do tato, uma ecologia que pensa os seres nos laços que eles tecem juntos, e que os tornam, com um pouco de sorte, [menos perigosas umas para as outras] (DESPRET, 2016, p. 3).

Pedimos licença, assim, às Mariquinhas, para trazer ao nosso trabalho um pouco do muito de beleza que elas fazem, com a narrativa de algumas, afinal, os encontros sempre nos forçam a *sentirfazerpensar*. Nesses encontros forjados por práticas, signos e ritornelos, há o envolvimento com “uma atitude-limite que nos transforma, não ao nos tornar conscientes, mas sim ao fazer com que prestemos atenção” (MASSCHELEIN, 2008, p. 40). Nessa atitude, a

pesquisa se caracteriza por uma preocupação com esse presente, uma preocupação com estar presente no presente, que é uma outra forma de indicar que a preocupação primordial de tal pesquisa é estar atento. Estar atento é uma atitude-limite que não está direcionada a limitar o presente (a julgar), mas a expor nossos limites e a nos expor aos limites. (MASSCHELEIN, 2008, p. 40).

O tipo de atenção exigida por essa prática se submete às coisas, ao invés de tentar silenciá-las. Busca percebê-las em seu aparecer, de acordo com o aguçar das forças imaginativas e criativas, desdobrando-se no plano da vida imanente (INGOLD, 2015).

As narrativas das Mariquinhas apresentam toda a esperança de ser feliz e ter uma vida melhor que, para ela, era sinônimo de ter uma família, pois apesar de ter pai e irmãos, não se sentia no papel de filha/irmã nem de pessoa responsável por cuidar de todas as outras. Se a sua condição não era valorizada, quando tivesse sua própria família, ela seria uma mãe/esposa e poderia devir o que quisesse.

Imagem 2: Bordados de narrativas cotidianas



Fonte: Arquivo pessoal de um/uma dos/das autores/as (2005).

Em outro retalho, há um destaque para a união familiar, o que, segundo a reportagem (2002)¹⁰, é comum entre os trabalhos. No trabalho acima, as lembranças são de uma família composta por pai, mãe, irmãs e irmãos.

Imagem 3: Bordados de autorretrato



Fonte: Arquivo pessoal de um/uma dos/das autores/as (2005).

Outro tema de grande frequência no grupo é o amor/desamor, do qual as mulheres falam/bordam. Narramos algumas histórias:

"Clarice (Lispector) mexe muito com a gente quando fala de amor. Mas o que mais gosto é de bordar o meu marido de cabeça para baixo. Ele viveu anos com a cabeça virada, bebia muito, tinha muitas amantes e eu sofria demais com isso" (Maria Teresinha Souza Cruz, 39 anos, cinco filhos, mulher do borracheiro José).

Ou ainda:

"Todos os meus trabalhos têm um coração e a palavra amor no meio" (Noberta Vivência, 45 anos, três filhos, mulher de Sebastião e sonhadora).

A infância também é apresentada através das brincadeiras.

Imagem 4: Bordados de amarelinhas



Fonte: Arquivo pessoal de um/uma dos/das autores/as (2005).

Para não concluir ou continuar bordando

Os movimentos das linhas nos indicam que os estudos e as pesquisas não podem seguir os mesmos movimentos das pesquisas clássicas aos quais estamos acostumados/as, afinal, todos/as nós estamos imersos/as nos cotidianos, e parece que um dos modos prioritários de os acessar é através das maneiras de uso, também conhecidas como “artes do fazer” (CERTEAU, 2014). Sendo assim, sempre partimos da prática e a ela retornamos. Há mil maneiras, sutilezas e malícias nas lógicas utilizadas pelos/as usuários/as (CERTEAU, 2014). A teoria criada/produzida consiste em teoria encarnada, porque emergente da prática, das lógicas do mundo da vida, e em momento algum é destacada como movimento abstrato, independente.

Dessa maneira, a pesquisa com os cotidianos rompe com várias dicotomias legadas pela modernidade, afinal, parte da adoção das “ideias de redes de conhecimentos e de

tessituras do conhecimento em rede” (ALVES & OLIVEIRA, 2010, p. 16). Aliás, a dificuldade em estudá-las se deve a sua inesgotável pluralidade e complexidade, porém, como postura metodológica e epistemológica, podemos encará-las sem incorrer no tão frequente erro de querer simplificá-las; ao invés disso, podemos nos arvorar a decifrar o pergaminho, “percebendo as intrincadas redes nas quais são verdadeiramente enredados” (ALVES & OLIVEIRA, 2010), tecidos. Ou seja, a mobilização das *prácticasteoriaspráticas* das redes do conhecimento “trata-se não apenas de uma redefinição sobre quais saberes devem ser valorizados, mas também sobre a forma como se dá a tessitura social do conhecimento” (LOPES & MACEDO, 2010, p. 35-36).

É por isso que Alves & Oliveira (2010), sempre que perguntada sobre o método, afirma: o que há são mais dúvidas do que certezas, pois só se aprende fazendo. Estamos diante das sutilezas, habilidades e diversidade das maneiras de uso; é preciso fazer para saber. O que Ingold (2015) chama de “educação da atenção” e Vinciane Despret (2016) denomina de “ecologia da atenção e do tato”, Alves & Oliveira (2010) chama de “redes educativas”. Para acessá-las, problematizá-las e ‘pesquisar com’, é preciso compreender as complexidades, potências, sinuosidades e diversidades de composições das linhas.

E ao bordar os currículos nos cotidianos, que tipo de bastidores usaremos, para dar contorno, fixar um tecido que está impregnado das normas dos currículos oficiais? Quais linhas, cores e agulhas serão usadas para tramar bordados por mulheres, bruxas, professoras, estudantes etc.? Que currículos, depois de feitos, serão liberados dos bastidores e ganharão os ventos da liberdade do *sentirfazerpensar* e das criações coletivas e singulares?

Recebido em: 20/07/2023; Aprovado em: 09/11/2023.

Notas

- 1 A expressão se refere a um dos sete movimentos das pesquisas com os cotidianos criados por Nilda Alves *et al.* (2019), que propõe a feminilização da formulação *Ecce homo* – também título de um livro de Friedrich Nietzsche – em consideração às mulheres, maioria no magistério da Escola Básica. É uma abordagem que se relaciona com as questões centrais deste texto!
- 2 Grafamos alguns termos juntos, em itálico e entre aspas simples, para reforçar a ideia cara ao nosso grupo de pesquisa – GrPesq Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons: compreender as complexas dinâmicas que acontecem nos cotidianos. A necessidade de escrever esses – e tantos outros – termos juntos se deve ao fato de compreender que as dicotomias necessárias à criação de conhecimentos pela ciência na modernidade significavam limites para as ‘pesquisas com os cotidianos’.
- 3 Esse movimento é interessante, pois nos aponta como o estabelecimento e valorização da razão sempre estiveram envolvidos com processos de delimitação e cercamento do sensível e pelas tentativas de imposição de princípios e códigos abstratos. A partir desse movimento territorialista, a razão será associada aos homens e o sensível, cercado e domado por ela, será compreendido como a mulher. Isso atualiza constantemente a prática do homem como o portador fálico, responsável por abrir, domar e controlar os diversos processos

presentes nos 'espaçotempos' das redes educativas, especialmente os fenômenos mais marcados e caracterizados como próximos das sensibilidades. A razão se caracteriza como chave fálica que abre, arromba e domina os 'espaçotempos' marcados como sensíveis. Como romper com essa atualização? Desconstruindo os modos de 'sentirfazerpensar' que precisam passar pela atualização do corte dicotômico razão e sensibilidade.

- 4 Com isso, não estamos dizendo que as mulheres são biologicamente mais ligadas ao sensível, mas estamos apontando que o processo de valorização da razão, do que se convencionou chamar "Ocidente", tentou marcá-las com as linhas das sensibilidades, portanto, as redes educativas são cheias de crenças, valores e códigos que direcionam as mulheres em formações que acontecem através desse corte dicotômico, em que elas encontram-se mais próximas do sensível, em contraposição aos homens que são ligados como mais próximos do racional. Nesse modo eurocêntrico de educar, os territórios das sensibilidades sempre foram mais associados às mulheres, crianças, comunidades, enfim, aos grupos tidos como mais afastados dos códigos da razão e do estilo de vida valorizado nos grandes centros urbanos. Desse modo, afirmamos que o projeto de modernização eurocêntrica do mundo é androcêntrico. E resgatando a questão da linguagem menor, podemos falar que valorizar as sensibilidades faz parte de duplo movimento: 1) afirmar-se na/como re-existência; e, 2) se contrapor às paranóias dicotômicas do poder colonizador, racionalista e androcêntrico. São os/as transformados/as em outros/as. É por isso que Krenak (2019, p. 11) diz: "os únicos núcleos que ainda consideram que precisam ficar agarrados nessa terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caíçarás, índios, quilombolas, aborígenes – a sub-humanidade". Mais adiante, veremos como as mulheres foram associadas à natureza e ambas foram marginalizadas.
- 5 Temos, pois, que "a usuária sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ela soube, por si mesma, impor ao espaço urbano" (CERTEAU, GIARD & MAYOL, 1996, p. 42). Tratamos aqui o gênero no feminino genérico na intenção de chamar atenção para a construção de uma linguagem machista, de *desvalorização* feminina e de segregação. Enquanto pesquisadoras e pesquisadores – cientistas, temos que começar a quebrar, romper e recusar estes paradigmas colonialistas e machistas, e afirmar um processo de tessitura com os gêneros neutros e gêneros inclusivos.
- 6 Não entraremos na questão das diferenças entre coisas e objetos. Só queremos marcar, com Ingold (2012), que *coisa* pode ser considerada como agregado de fios vitais, portanto, algo mais aberto, diferente do lugar que costumamos conferir aos objetos, ao encerrá-los numa metafísica do acabamento e lê-los (experimentá-los) como estáticos, sem vida: "[...] se consideramos que o caráter dessa árvore também está em suas reações às correntes de vento no modo como seus galhos balançam e suas folhas farfalham, então poderíamos nos perguntar se a árvore não seria senão uma árvore-no-ar. Essas considerações me levaram a concluir que a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais. É isso que entendo por coisa" (INGOLD, 2012, p. 28).
- 7 Fazemos aqui, mais uma vez, uma provocação ao relacionarmos o gênero masculino como genérico; por isso, falamos aqui *do que significa ser uma ser humana*.
- 8 Esse projeto foi realizado como pesquisa de mestrado por uma das autoras deste artigo.
- 9 Os *dentrosforas* que compõem os cotidianos não se confundem com o *dentro e fora* das instituições, pois, além de mostrar o plural, múltiplo e variado jogo de composições que ocorrem no mundo da vida, apontam para a imperiosidade do *sentirfazersaber* que advém de laboriosos e constantes processos de *ensinosaprendizagens*, transmitidos de geração em geração por meio da mobilização, da educação, da atenção e do mostrar, que, muitas vezes, frustra os projetos e interesses institucionais, evidenciando a complexidade e a pluralidade de modos de *sentirfazerpensar*.
- 10 Reportagem do Jornal O Globo, 25 de maio de 2002. Caderno Ela.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, Nilda & OLIVEIRA, Inês Barbosa. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, Alice Casemiro & MACEDO, Elizabeth (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea & CALDAS, Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: BARBOSA DE OLIVEIRA, Inês; SÜSSEKIND, Maria Luiza & PEIXOTO, Leonardo (Orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CVR, 2019. p. 18-45.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - 1: artes de fazer*. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CHAGAS, Claudia. *Memória bordadas nos cotidianos e currículos*. Dissertação (Mestrado em Educação) - UERJ, Rio de Janeiro, 2007.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se. *Caderno de Leituras*, n. 45, maio/2016. Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/05/cad.45_v.despret.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- GIARD, Luce; CERTEAU, Michel de & MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano - 2: morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- GUATTARI, Félix. Linguagem, consciência e sociedade. In: GUATTARI, Félix et al. *Saúde loucura*; número 2. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- INGOLD, Tim. *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- INGOLD, Tim. *Lines: a brief history*. London e New York: Routledge, 2007.
- INGOLD, Tim. *Linhas* (Antropologia). Petrópolis: Vozes, 2022. p. 279-280. (Kindle)
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- INGOLD, Tim. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- JARDIM, Rachel. *O penhoar chinês*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio; FUNALFA, 2005.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LANGUR de hanuman. *Bio Curiosidades*. 21 fev. 2022. Disponível em <<https://ninha.bio.br/mamifero/langur-de-hanuman/langur-de-hanuman/>>. Acesso em: 11. nov. 2023.
- LEFF, Enrique. *A aposta pela vida: imaginação sociológica e imaginários sociais nos territórios ambientais do sul*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LOPES, Alice Casemiro & MACEDO, Elizabeth (Orgs.). *Currículo: debates contemporâneos*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARZEC, Andrzej. Filosofia das Plantas (ou pensamento vegetal). *Caderno de Leituras*, n. 46, jun. 2016. Disponível em: <http://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/06/cad_46-1.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2017.

MASSSCHELEIN, Jan. E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Educação & Realidade*, v. 33, n. 1, p. 35- 48 jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6685/3998>>. Acesso em: fev. 2018.

MATURANA, Humberto. *Emoções e Linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kqm7cIM9rRI&ab_channel=C%C3%ADrculoEscolaFilos%C3%B3ficaExoconsciente.36'35" até 43' 01"](https://www.youtube.com/watch?v=kqm7cIM9rRI&ab_channel=C%C3%ADrculoEscolaFilos%C3%B3ficaExoconsciente.36'35%27%20at%C3%A943'01%27)>. Acesso em: 25 fev. 2021.

SAFFIOTI, Heleieith Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.